

RESUMO DO ESTUDO DO TERCEIRO MANUSCRITOS PROPRIEDADE PRIVADA E TRABALHO - KARL MARX GRUPO DE ESTUDO - OBEDUC, 12 DE MARÇO DE 2014

A leitura e a reflexão do "terceiro manuscrito" de Marx nos coloca algumas questões que consideramos fundamentais para o nosso estudo, entre elas destacamos alguns pontos:

1. A relação da propriedade privada e da divisão social do trabalho com o fenômeno da alienação humana;
2. As diferenças entre propriedade privada sob a hegemonia do capital e a propriedade legitimamente humana, ou seja, a socialização e a apropriação universal dos bens necessários à vida humana;
3. A supressão da propriedade privada possibilitaria o surgimento de uma sociedade comunista, embrião da verdadeira sociedade humana, onde os sentidos humanos materiais e imateriais teriam a possibilidade de se desenvolverem e atingirem sua forma humano-social, ou seja, a humanização dos sentidos.

Ponto 2: A brutal concentração de terras no Brasil e a luta histórica dos movimentos sociais (MST, indígena, Via Campesina, quilombolas e outros) para que a terra seja democratizada. Desse modo, o estudo do texto marxiano possibilitou ao grupo fazer reflexões pertinente e alguns links interessantes com o atual contexto da luta pela terra no Brasil. Em um cenário em que a propriedade privada da terra está cada vez mais concentrada nas mãos de grandes grupos econômicos nacional e internacional, de empresas que fabricam venenos, como a Mão Santo, do latifúndio da soja, do algodão, da cana de açúcar, do mamão, da laranja; do agronegócio que além de concentrar gigantescas áreas de terra, expulsa o trabalhador do campo e mecaniza a produção; da agroindústria que associada com o agronegócio produz alimentos em grande escala com o objetivo único da obter altíssimos lucros sem se preocupar com a qualidade dos alimentos e com a vida humana, são grandes os desafios que se colocam para os movimentos sociais e a sociedade civil na construção de novas relações sociais e humanas em que a propriedade da terra e dos bens sejam coletivizadas; em que a produção respeite a soberania alimentar e a saúde dos povos; em que a agricultor familiar agroecológica seja valorizada e se ofereça condições de acesso à terra, condições de trabalho, equipamentos, máquinas, reconhecimento dos saberes desses sujeitos, para que os mesmos tenham condições de nela trabalhar, produzir de forma sustentável e viver com dignidade.

Ponto 1: Para Marx a eliminação positiva da propriedade privada, tal como a apropriação da vida humana, constitui condição fundamental para a eliminação de toda a alienação. Adentrando na reflexão sobre o texto podemos perceber que Marx faz uma crítica a Feuerbach que ao analisar a questão da alienação a restringiu ao campo religioso e também a Hegel. Segundo Marx a alienação religiosa como tal ocorre apenas na esfera da consciência, da interioridade humana, mas a alienação econômica é a da vida real, a sua eliminação inclui, por consequência, os dois aspectos, ou seja, tanto da consciência como a vida real. Para Hegel ao objetivar-se o ser humano se aliena, ou

seja, a objetivação é em si mesma uma forma pela qual o ser em si sai de si e esse sair de si já implica em seu estranhamento, mesmo que pelo movimento da dialética hegeliana ele retorne a si. Marx discorda dessa forma de pensar idealista de Hegel de conceber a alienação, pois o homem como ser de concreto, corporal, precisa se objetivar na natureza para produzir os seus meios de vida, por meio de sua atividade vital, ou seja, o trabalho. Desse modo, não é a objetivação humana em si que é fonte de alienação e sim as formas históricas em que as objetivações humanas ocorrem que engendram possibilidades ou não da alienação humana, como é o caso específico das relações sociais em que impera o domínio do capital sobre o trabalho.

Ponto 3: Marx desenvolve uma reflexão crítica sobre a estreita relação entre natureza e cultura a partir do caráter social do homem ao afirmar que os sentidos humanos só se tornam plenamente humanos quando são humanizados nas relações sociais que os homens estabelecem entre si. A antropologia marxiana parte da compreensão de que o animal humano necessita de um constante intercâmbio com a natureza para se desenvolver como ser humano-social. A natureza é o corpo inorgânico do homem, sua extensão. Desse modo a relação natureza humana e natureza externa, ou seja, natureza inorgânica e natureza orgânica, mundo e ser humano é insuprimível, pois o homem é natureza, porém uma natureza consciente capaz de humanizar a própria natureza exterior e a si mesmo criando por meio de sua atividade vital, ou seja, o trabalho, um mundo à sua imagem e semelhança. Marx afirma que a dialética entre *subjetividade* e o *caráter genérico da vida humana* se manifesta tanto no indivíduo particular quanto na vida social. É no processo de objetivação de si, ou melhor, dizendo, transformando a natureza externa, por meio de sua atividade ontocriadora, que o animal humano sai de si, produz o mundo à sua imagem e semelhança e ao fazê-lo, nesse duplo movimento dialético, realiza-se a si e ao mundo, ou aliena-se, não se reconhecendo no mundo que ele mesmo criou.

Dessa forma, podemos inferir que sem a abolição da propriedade privada não haverá verdadeira emancipação humana. Somente a superação da propriedade privada permitirá segundo Marx o pleno desenvolvimento dos sentidos e das possibilidades subjetivas do homem. Para Marx os sentidos naturais do homem só se humanizam, ou seja, só se tornam de fato humanos quando em contato direto com o tecido social e cultural. Os sentidos do animal humano só se tornam plenamente desenvolvidos em contato com a sociedade e como manifestação das relações sociais. O próprio homem só se torna humano quando cria e se apropria por meio de sua atividade vital em sociedade das condições objetivas necessárias ao seu autodesenvolvimento como ser individual e genérico, ou seja como humano-social que é. E Marx vai mais além ao afirmar o caráter social do humano, quando diz que a formação dos cinco sentidos é obra de toda a história mundial anterior. A história é o horizonte das possibilidades evolutivas que propiciaram o desenvolvimento dos sentidos naturais em sentidos propriamente humanos.

Destaco algumas passagens do próprio Marx que foram objetos de reflexão no grupo de estudo:

O comunismo é a expressão positiva da eliminação da propriedade privada e, antes de tudo, a propriedade privada universal. Nesta relação genérica natural, a relação do homem à natureza é a sua relação imediata à natureza, a sua própria condição natural. Em tal relação, revela-se de modo sensível, reduzida a um fato observável, até que ponto a essência humana se tornou para o homem característica e em que medida a característica se transformou em essência humana do homem. Do caráter desta relação infere-se até que ponto o homem se tornou e se compreendeu a si mesmo como ser genérico, como ser humano. Na mesma relação, revela-se também em que medida as necessidades do homem se transformaram em necessidades humanas e, portanto, em que medida o outro homem enquanto pessoa se tornou para ele uma necessidade, até que ponto ele, na sua existência mais individual, é ao mesmo tempo um ser social. (MARX, 2002, p.140)

O comunismo é do que a reintegração, ou o retorno do homem a si mesmo, como eliminação da auto alienação do homem. O comunismo é a eliminação positiva da propriedade privada como auto alienação humana e, desta forma, a real apropriação da essência humana pelo e para o homem. E Marx continua destacando o caráter emancipador do comunismo ao afirmar: o comunismo como naturalismo inteiramente evoluído = humanismo, como humanismo inteiramente desenvolvido = naturalismo, estabelece a resolução autêntica do antagonismo entre o homem e a natureza, entre o homem e o homem. É a verdadeira solução do conflito entre a existência e a essência, entre a objetivação e a auto afirmação, entre a liberdade e a necessidade, entre o indivíduo e a espécie. (MARX, 2002, p.138)

Observamos como, ao pressupor a eliminação da positiva da propriedade privada, *o homem produz o homem e se produz a si mesmo e aos outros homens*; como o objeto, que constitui a atividade direta da sua *personalidade*, é ao mesmo tempo a sua existência para os outros homens e a sua existência para si. Assim como a sociedade produz o homem enquanto homem, assim ela é por ele produzida. A atividade e o espírito são sociais tanto no conteúdo como na origem; são atividade social e espírito social. O significado humano da natureza só existe para o homem social, porque só neste caso é que a natureza surge como laço com o homem, como existência de si para os outros e dos outros para si, e ainda como componente vital da realidade humana. (MARX, 2002, p.139)

A propriedade privada tornou-nos tão estúpidos e parciais que um objeto só é nosso quando o temos quanto existe para nós como capital ou quando por nós é diretamente possuído, comido, bebido, transportado no corpo, habitado, ou melhor, quando é utilizado. Portanto, todos os sentidos físicos e intelectuais foram substituídos pela simples alienação de todos os sentidos, pelo sentido do ter. O ser humano viu-se forçado a reduzir-se a esta total miséria a fim de produzir toda a sua riqueza interior."Todas as suas relações humanas com o mundo – visão, audição, olfato, gosto, percepção, pensamento, observação, sensação, vontade, atividade, amor – em síntese, todos os órgãos da sua individualidade, como também os órgãos que são diretamente comuns na forma, são no seu comportamento objetivo ou no seu comportamento perante o objeto a apropriação do referido objeto, a apropriação da realidade humana. (MARX, 2002, p.141).

O olho tornou-se um olho humano, no momento em que o seu objeto se transformou em objeto humano, social, criado pelo homem para o homem. É claro que o olho humano

admira as coisas de maneira diversa do olho grosseiro, não-humano, e o ouvido humano diversamente do ouvido estúpido. O sentido musical do homem só é acordado pela música. A mais bela música *nada* significa para o ouvido completamente não-musical, não constitui nenhum objeto, porque o meu objeto só pode ser a ratificação de uma das minhas capacidades. Conseqüentemente os sentidos do homem social são diferentes dos do homem não-social. Só por meio da riqueza objetivamente desenvolvida do ser humano é que em parte se cultiva e em parte se cria a riqueza da sensibilidade subjetiva humana - o ouvido musical, o olho para a beleza das formas, em resumo, os sentidos capazes de satisfação humana e que se confirmam como capacidades humanas. (MARX, 2002, p.142-143).